

A HISTORIOGRAFIA DE MARIA OLÍMPIA DA ROCHA GIL

por
JOSÉ GUILHERME REIS LEITE *

Não é tarefa muito fácil escrever sobre a obra de Maria Olímpia da Rocha Gil, por esta historiadora, prematuramente falecida, ter deixado escritos, a maior parte dispersos, versando sobre questões pouco abordadas anteriormente e baseadas em investigação aturada, em arquivos regionais e nacionais.

Creio contudo ser de destacar, antes de mais nada, precisamente esta questão da investigação.

Olímpia Gil, que era uma paleógrafa de mérito, mostrou-se sempre insaciável pelo documento original e pelas colecções documentais que, raramente, ou até nunca, tinham sido exploradas.

Foi isso, aliás, que lhe permitiu novas perspectivas sobre os períodos históricos que estudou.

Trabalhou essencialmente em dois arquivos regionais, muito ricos em acervos documentais, de cartórios oficiais e privados, o Arquivo de Ponta Delgada e o Arquivo de Angra do Heroísmo, mas ambos conhecidos pela falta de índices e guias arquivísticos. Contudo, nada detinha a nossa historiadora, que se embrenhava nos mais desorganizados e intrincados cartórios, como se isso fosse um jogo, que se jogava com prazer.

Foi a primeira historiadora açoriana a servir-se sistematicamente dos cartórios dos notários dos séculos XVI e XVII, cuja letra é tradicionalmente da mais difícil de interpretar e cujos documentos são

* Doutorado em História Moderna e Contemporânea pela Universidade dos Açores.

herméticos e só com inaudita paciência e grande treino, se conseguem resultados palpáveis.

O seu primeiro trabalho de investigação de história açoriana assentou, contudo, num núcleo documental, que conheceu e explorou magistralmente, preservado na Alfândega de Ponta Delgada e para o qual ainda não se havia chamado a atenção.

Mas a temática que Olímpia Gil elegeu como charneira do seu trabalho foi a sociedade e a economia atlântica do século XVII, centrando a sua visão no arquipélago dos Açores. A matéria não era nova, evidentemente, pois outros historiadores de renome já haviam tratado o assunto e de entre eles não se pode esquecer Frédéric Mauro, que aliás Olímpia Gil considerava um mestre.

O que é novo na obra da historiadora é a micro análise dos fenómenos açorianos, dos quais parte para uma inserção no mundo atlântico e para a rede de negócios não só nas ilhas (Canárias, Madeira e Açores) mas também no Brasil e na América espanhola.

Ao centrar o seu estudo no século XVII teve, porém, necessidade de recuar no tempo para compreender, com mais profundidade, as raízes desse complexo social que eram as ilhas, principalmente as suas cidades portuárias, no século de seiscentos.

Mas analisemos um pouco mais pormenorizadamente o percurso de Olímpia Gil. Começou o seu trabalho, ainda como aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, interessando-se por história regional e agrária do século XVI, duas coisas que não eram comuns nesses meados dos anos sessenta.

Discípula de Virgínia Rau, por quem nutria profunda admiração, sob a orientação de Jorge Borges de Macedo mostrou aptidão especial para a análise minuciosa no tempo e no espaço. O seu primeiro trabalho, que é uma dissertação de licenciatura, não se refere, senão esporadicamente aos Açores. Integrada na equipa da sua faculdade foi motivada para uma linha de investigação que pretendia despertar o interesse pela análise do desenvolvimento agrário do reino, no século XVI, contrariando as teses clássicas, que o mundo rural português havia sido abandonado com os descobrimentos.

As Arroteias no Vale do Mondego durante o século XVI (Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1965, 143 p.) é o resultado dessa investigação e foi um êxito.

É apreciável pela metodologia e pela documentação usada e parecia anunciar uma nova investigadora nesse difícil campo do século XVI, fora das opções tradicionais das viagens e da organização do império.

A aplicação a Portugal, das então modernas correntes historiográficas, francesa e inglesa, que se preocupavam com os aspectos tidos por mais humildes da actividade humana, como a exploração da terra, os pequenos negócios e o quotidiano da sociedade provincial, avançavam com hesitações, mas vicissitudes várias, que não interessam ao nosso caso, acabaram por fazer com que essa experiência não tivesse grande êxito e acima de tudo não tivesse continuidade.

Ainda publicaria mais um trabalho, fruto dessa investigação e desse projecto; *Engenhos de Moagem no século XVI (técnicas e estruturas)*, na revista da Faculdade de Letras de Lisboa (*Do Tempo e da História*, I, 1965), mas abandonaria essa senda, tendo-se dedicado ao ensino secundário.

Nos finais dos anos sessenta foi professora no liceu de Ponta Delgada e foi, nessa época, que transferiu a sua investigação para a história insular. Continuava interessada numa área de história regional, numa análise micro e numa problemática sócio-económica. Estas três linhas de força nunca as abandonaria.

O núcleo que começou a explorar, como já se disse, pertencia ao arquivo da Alfândega de Ponta Delgada, aquele que guardava documentação mais antiga e melhor preservada das alfândegas açorianas. Como era matéria nova e consequentemente sem trabalhos anteriores, que lhe servissem de apoio, Olímpia Gil, ao pretender organizar, com esses documentos, uma monografia: *O Porto de Ponta Delgada e o Comércio Açoriano no século XVII - elementos para o estudo do seu movimento* (*Do Tempo e da História*, III, 1970, p. 51 a 128 + mapa), viu-se com dificuldades que lhe exigiram um esforço suplementar, no sentido de traçar uma panorâmica do comércio anterior, praticamente desde o povoamento das ilhas. Era uma questão de metodologia que se levantava e que Olímpia Gil tentava ultrapassar. O que lhe interessava de facto estudar era o século XVII, mas ao aproximar-se do seu objectivo, era continuamente surpreendida com um vazio, que não lhe permitia compreender o que se passava. Creio que foi isto que em muitos dos seus trabalhos a obrigou a lançar um olhar sobre os séculos XV e XVI, nas ilhas, como antecedentes

lógicos e condicionantes das estruturas sociais e económicas que se lhe deparavam, no século XVII.

A sua monografia em causa aponta as ilhas açorianas como um centro de produção própria, gerador de negócios significativos, como um centro de redistribuição do comércio atlântico e ainda como um ponto de apoio às embarcações que percorriam este oceano.

É nesta perspectiva, que se preocupou em desenvolver os dados referentes à produção açoriana para o mercado atlântico, com especial atenção ao pastel e ao trigo. O seu estudo sobre a produção e comercialização do pastel pode-se considerar, hoje em dia, um clássico da historiografia açoriana.

Nesta monografia anuncia-se também uma apetência especial para a análise social dos mercados, principalmente dos estrangeiros, ingleses antes de mais, que se fixaram no arquipélago, no século XVII, e eram o veículo privilegiado do comércio com o Norte da Europa, mercados que absorviam a produção açoriana do pastel e abasteciam as ilhas de manufacturas.

Muitas das linhas de investigação anunciadas na monografia em análise seriam sucessivamente retomadas e desenvolvidas posteriormente.

A permanência de Olímpia Gil, agora profissionalizada e efectiva, nos liceus de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, ao longo dos anos setenta, permitiu-lhe retomar o contacto mais directo com as ilhas, os seus problemas e a possibilidade de voltar a investigar nos arquivos locais, com mais amplitude e já com um programa delineado.

São anos de intenso trabalho, docente e de investigação, que mostram bem a grande capacidade de Maria Olímpia Gil.

Dedicou-se a explorar os arquivos municipais, os das misericórdias, os seus sempre privilegiados notários, os das alfândegas e almoxarifados e arquivos particulares. Reuniu assim um vastíssimo corpo de documentação que veio a utilizar, mas que infelizmente não se dispôs a publicar numa colecção de fontes, que poderia ombrear com o *Arquivo dos Açores*.

Regressada ao continente, ao liceu de Castelo Branco, para onde concorrera, por questões familiares, aproveitou para iniciar uma experiência historiográfica de maior fôlego, abandonando momentaneamente as monografias e lançando-se numa obra de conjunto sobre o Arquipélago no século XVII.

Era talvez cedo para este empreendimento, por falta de bases nalgumas das problemáticas encaradas, ainda que Olímpia Gil tivesse conseguido um levantamento muito vasto de documentação, que lhe permitia ter uma visão global.

Em boa verdade, não se tentava uma obra de conjunto sobre os Açores, havia muito, e só historiadores estrangeiros, Mauro e Duncan, tinham, modernamente, ensaiado um pensamento teórico acerca da vida económica e social das ilhas, integrando-as no mundo atlântico. Por isso o desafio deve ter entusiasmado Olímpia Gil, que se dedicou de alma e coração ao seu projecto.

O arquipélago dos Açores no século XVII. Aspectos Sócio-económicos (1575-1675), (Castelo Branco, 1979, 433 p.), retomava muitos dos problemas metodológicos e teóricos, que se haviam desenhado na monografia sobre o porto de Ponta Delgada, publicada quase dez anos antes.

A documentação utilizada multiplicara-se espantosamente e obrigara a uma coordenação muito maior, que às vezes parecia prejudicar a linearidade do fio condutor e tornava o raciocínio da autora menos claro. Teodoro de Matos, numa recensão crítica a este trabalho (*Arquipélago*, Série de Ciências Humanas, III, 1981, p.528) levantou a questão e lastimou que a historiadora não tivesse optado por um apêndice documental, que valorizando o seu trabalho, libertasse o texto de longas transcrições que o tornavam demasiado pesado. Veremos que Olímpia Gil veio a aceitar esta sugestão.

Em *O Arquipélago dos Açores no século XVII* continuavam presentes e insolúveis algumas questões metodológicas anteriores. Em primeiro lugar, a necessidade de recuar aos séculos anteriores, numa síntese inteligente dos antecedentes da sociedade açoriana seiscentista, mas que em boa verdade prejudicava o conjunto, mais do que o esclarecia.

O esquema da obra era o clássico da historiografia francesa dos *Anais*. Uma introdução sobre a terra e a gente, em que Olímpia Gil descreve o cenário açoriano com tintas dum grande dramatismo, valorizando os fenómenos vulcânicos e outras catástrofes, que iam moldando o açoriano e os seus dramas. Aliás, esta versão das ilhas, que tinha antecedentes ilustres, coadunava-se com a maneira de ser da autora, com um sentimento dramático da vida.

O livro retoma, com maior vastidão e mais profunda análise, o tema da sociedade açoriana com as suas camadas tradicionais e a sua mobilidade característica. Tem uma análise privilegiada das camadas burguesas e da sua ascensão ao poder político e económico, cujos mecanismos sempre fascinaram Olímpia Gil.

É verdade que centrou a sua visão da mundividência açoriana nas cidades e nas ilhas Terceira e São Miguel, de longe as principais, mas isso é incontestavelmente um dos tais aspectos de fundo, que a autora não conseguiu ultrapassar nesta obra. A diversidade do arquipélago e das situações sociais e económicas, geradas pela dispersão insular, não foi, efectivamente, explorada por Olímpia Gil. Isso mesmo foi também assinalado por Teodoro de Matos, na sua recensão.

A terceira parte da obra, que estuda a conjuntura política e económica do século XVII é talvez a mais sólida. A autora demonstra aqui um grande poder de análise dos múltiplos problemas surgidos e se alguns deles já haviam sido delineados no trabalho anterior, são aqui ampliados e mais profundamente explicados.

Olímpia Gil tinha uma visão complexa da problemática do século XVII e das suas crises, mas na sua obra em análise, interessou-se especialmente pela primeira metade do século e ainda pelas questões levantadas pelo mercantilismo, mas tanto aqui, como principalmente na análise dos problemas da crise dos anos de 1670-1690, ficou-se por um enunciado, o que acarretou um manifesto desequilíbrio à visão de conjunto.

É outro dos problemas metodológicos, que não foram ultrapassados e que talvez a prudência tivesse aconselhado a restringir o âmbito do trabalho para uns Açores na primeira metade do século XVII, aguardando a investigação já feita e a muita interpretação, para um novo livro.

De qualquer forma a obra sobre os Açores no século XVII não pode deixar de ser assinalada como um marco da moderna historiografia açoriana e um motor de arranque para aquilo que nesse domínio se viria a passar.

Mesmo encarada no panorama nacional da época e como referência de história regional é um livro notável e a nota demolidora, que Romero de Magalhães lhe fez em recensão crítica («Economia e Sociedade de Portugal quinhentista», in *Revista de História Econó-*

mica e Social, 18, 1986, p. 121), parece-me uma gritante injustiça. O livro merecia, pelo menos, uma resenha e uma crítica mais pensada.

A partir do início dos anos oitenta, Maria Olímpia da Rocha Gil volta a optar por trabalhar em pequenos ensaios sobre a temática que havia escolhido anteriormente, mas que lhe iriam permitir aprofundar as suas teses.

Para se compreender bem este conjunto de trabalhos é necessário que se diga que, nos Açores, com a instauração do novo regime político-administrativo e com a criação da Universidade, se iria assistir a um surto de modernização da problemática da história. Aparecem novas, ou renovadas revistas da especialidade, alargam-se horizontes e começa-se a trabalhar em áreas e temáticas inovadoras.

É precisamente para corresponder a essas solicitações, que Olímpia Gil inicia a sua nova etapa.

Em 1981, na *Arquipélago* (Serie Ciências Humanas, III, p. 371) que é a revista da Universidade dos Açores e que surgira sob a orientação de Teodoro de Matos, inicia a historiadora uma colaboração muito regular e frutuosa com aquele Professor.

Este primeiro ensaio sobre *Os Açores e a Nova Economia de Mercado (Séculos XVI-XVII)* traz como inovação metodológica a existência dum apêndice documental, muito bem elaborado, em que são apresentados os principais documentos do núcleo que havia sido localizado na Alfândega de Ponta Delgada e que Olímpia Gil utilizara na sua monografia sobre o porto de Ponta Delgada.

Logo no ano seguinte, colaborando com o Instituto Histórico da Ilha Terceira, outra das instituições responsáveis pelo entusiasmo do renascimento da historiografia nas ilhas e do qual era sócia efectiva desde 1973, publicava, num boletim de homenagem à memória de Luís Ribeiro (vol. XL, 1982, p. 503), um ensaio sobre *Pastagens e Criação de gado na Economia Açoriana nos séculos XVI e XVII*, tema nunca antes tratado com profundidade. Era um retomar da temática que havia explorado para o Vale do Mondego, com tanto êxito e que dava frutos surpreendentes aplicada às ilhas.

Ainda nesse ano, e de novo na *Arquipélago*, (Serie de Ciências Humanas, IV, 1982, p. 349) retoma, com a mesma metodologia que introduzira em 1981, a sua colaboração com a Universidade. O tema, os seguros marítimos e as várias tácticas dos mercadores açorianos para investirem nos transportes das mercadorias no comércio atlân-

tico, era de novo um contributo excepcional para o conhecimento destas questões, que até então não haviam interessado ninguém. Por isso, *Açores - Comércio e Comunicações nos séculos XVI e XVII*, com um apêndice documental notável, extraído dos notários de Angra e Ponta Delgada, é um marco decisivo nos estudos de história económica insular.

Em 1983 iniciavam-se, no Instituto Histórico da Ilha Terceira, sob a orientação de Teodoro de Matos, os colóquios «Os Açores e o Atlântico», que se estenderiam à Madeira em 1986. Foram outro dos passos decisivos para o desenvolvimento da historiografia insular.

Olímpia Gil participou, com entusiasmo, nesta iniciativa tendo elaborado duas comunicações que despertaram o mais vivo interesse e que se inserem nas suas preocupações de interpretação do comércio atlântico no século XVII e do papel das ilhas.

No primeiro colóquio, em 1983, apresentou uma nova faceta desse fenómeno e dos mercadores açorianos, estudando as procurações. Intitulou o seu ensaio *Os Açores e a Rede de Negócios no Atlântico Seiscentista. Elementos para o seu estudo: as Procurações* (Actas, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, vol. XLI, 1983, p. 555), que mais uma vez ficava a marcar um passo em frente na compreensão do problema. Através das procurações de mercadores estrangeiros e nacionais, Olímpia Gil estuda a evolução dos negócios no arquipélago e as suas oscilações.

Optou, infelizmente, neste caso, por não acrescentar um apêndice documental.

No primeiro colóquio de História da Madeira, em 1986 (Actas, Funchal, 1990, II volume, p.878) apresentava uma comunicação intitulada *Madeira e Canárias no Movimento Portuário de Ponta Delgada. Problemas de Importação e Exportação nos finais do século XVII*, em que retomava, mais desenvolvidamente, alguns aspectos de interdependência dos arquipélagos atlânticos, que já abordara na sua monografia sobre o porto de Ponta Delgada.

Ainda dentro deste movimento de reuniões internacionais sobre a história do Atlântico, em 1987, no 2.º Colóquio promovido pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira (Actas, Boletim, vol. XLV, Tomo II, 1987, p. 745) apresentaria um dos seus mais conseguidos estudos de história local, *Negócios de Bartolomeu Dias Couceiro na ilha Graciosa (2.ª metade do século XVI)*, em que, partindo dum núcleo documental,

uma doação à Confraria do Santíssimo Sacramento da igreja matriz da vila de Santa Cruz da Graciosa, estuda as várias etapas da construção da fortuna de um homem de negócios situado numa pequena ilha periférica do arquipélago açoriano. Com um apêndice documental desenvolvido, este estudo, pela prosa usada e pela temática desenvolvida é, quanto a mim, do melhor que Olímpia Gil escreveu.

Anteriormente, na *Arquipélago*, Olímpia Gil, num número especial preparado por Teodoro de Matos, em memória do historiador jorgense do século XIX, João Teixeira Soares de Sousa, havia publicado um ensaio importante para o desenvolvimento dos seus estudos sobre o comércio atlântico e os Açores. Intitula-se: *Os Açores e o Comércio Atlântico nos finais do século XVII (1680-1700)*, (*Arquipélago*, Série Ciências Humanas, nº especial, 1983, p. 137) em que a autora desenvolve a problemática à volta da crise de finais do século XVII, com que havia encerrado o seu livro *O Arquipélago dos Açores no século XVII*. Era um tema muito do seu agrado e cuja interpretação a preocupava verdadeiramente.

Um dos assuntos tratados refere-se às revoltas provocadas, no arquipélago, pelo aumento dos impostos e a sua extensão a produtos até então isentos, como era o caso dos inhames.

Sobre a questão das revoltas, Olímpia Gil tinha apresentado um trabalho à «Semana de Estudos sobre Historiografia Insular», que decorreu na Universidade dos Açores, em 1985, intitulado *As Vereações de Ponta Delgada e as Revoltas Populares em S. Miguel no ano de 1695*, mas que razões de susceptibilidade, características da sua personalidade, impediram que publicasse.

Maria Olímpia da Rocha Gil ainda colaborou, a pedido de Luís de Albuquerque, na obra orientada por este, *Portugal no Mundo* (Vol. I, Lisboa, 1989, p. 222) com um importante texto de síntese sobre *A Economia dos Açores nos séculos XV e XVI*, que não pode deixar de ser encarado como um marco, por ter sido a primeira vez que um historiador regional aparece a colaborar, com um tema da sua especialidade, numa obra de divulgação nacional, garantindo assim que a abordagem dos problemas das ilhas se faça com a profundidade e a qualidade que, regra geral, não aparecem nas poucas páginas que tais obras dedicavam, tradicionalmente, às ilhas atlânticas.

O texto que preparou é incontestavelmente uma síntese de qualidade e muito didáctico, que revela, não só, um profundo conhecimento

da matéria exposta, mas uma apurada sensibilidade pedagógica, capaz de atingir os fins de divulgação, junto do grande público, sem quebra da qualidade científica.

Para além da obra publicada, sei que Olímpia Gil deixou, quase pronto, um outro trabalho sobre *Avaliação de Bens na Capitania da Praia, Ilha Terceira, no século XVI*, fundamentado num importante documento do arquivo municipal daquela vila, em que se avaliam os bens dos cidadãos, para uma derrama.

Nos últimos anos da sua vida, Maria Olímpia da Rocha Gil trabalhava na preparação de um doutoramento, orientada por Teodoro de Matos, cuja área de investigação eram *Negócios e Investimentos nos Açores (1690-1720)* e que certamente viria a ser uma obra chave para a historiografia açoriana, mas que infelizmente não pôde terminar.

Tendo passado em revista a obra histórica de Olímpia Gil, o que me parece de realçar, em jeito de conclusão, é a sua enorme capacidade de trabalho, o entusiasmo com que defendia e desenvolvia as suas teses, a mestria com que usou a vasta documentação que reunia, tendo, por tudo isso, dado um contributo extraordinário para a renovação e avanço da história dos Açores e a sua inserção no mundo atlântico. Sem a obra de Olímpia Gil, a cultura açoriana ficaria bem mais pobre.

Por isso também, faço votos para que rapidamente se possam reunir os seus estudos e que Teodoro de Matos leve a bom termo essa tarefa, que se propõe realizar.